

ECHUS DO IBATÉ

Informativo dos ex-alunos do Seminário do Ibaté

S. Roque - SP - Ano 14 - n.º 83 - Janeiro/Fevereiro - 2006



EDITORIAL

Chega *quentinho* em suas mãos mais um *Echus do Ibaté* esse poderoso veículo que estimula os neurônios mnemônicos de nossa Turma de “adolescentes definitivos” sempre em celebração de nossa amizade e em eterna busca de assimilação de nossas raízes e memória afetivas. Notícias alegres, notícias tristes. Desperta nossa atenção a estréia de José Édson Soares da Cruz, de 1972, um dos colegas que “empacotou” o seminário. Poeta e escritor, eis um belo texto em que nos conta sua experiência de ser pai. Filhos aos quarenta... ele está radiante e deslumbrado. Ao passar por idêntica experiência, Otto Lara Resende dizia: “*Conseguí ser avô de minha filha e pai de minha neta, eliminando a intermediação antipática do genro*”. Felicidades ao amigo em nome da Turma do Ibaté. Asdrúbal Baruffaldi e José Moreira, ambos falando pelos cotovelos. Lembrança de D. Constantino e a perda de três colegas muito queridos. O Eduardo Lima escarafunchando o *Winnetou*, com muitas revelações. *Tantas e outras boas, este é o Echus 083*, mais uma vez confirmando que se instituiu como o “*elo (...) entre nós, que comungamos aquele ideal sadio de fraternidade, ... embora dispersos por este mundo de Deus ... (e que) queremos conservar esta preciosa amizade que nos eleva...*”, conforme vaticínio e desejo de nosso imortal e imorredouro arcanjo amigo-poeta, Alfredo Barbieri, na undécima edição.



Em comemoração ao nono ano de seu falecimento neste último 14 de fevereiro, apresentamos a comprovação documental de que, sim, o jovem Constantino Amstalden serviu o Exército Brasileiro, dos 21 aos 24 anos. Em suas tantas prédicas, em suas aulas, em suas orientações e exemplos, quão numerosas analogias com a milícia utilizou como recurso!! E não eram à toa. Muito além da admiração por Júlio César e sua grandiosa *De Bello Galico*, ou de sua exuberante tenacidade corinthiana, as raízes de seu carácter também apropriaram-se das vivências na caserna. Vivia-se então a Segunda Grande Guerra e naquele momento histórico, nem os seminaristas foram poupados: muitos foram sorteados e convocados ao serviço marcial. Por quatro anos, de 1941 a 1944, nosso então futuro Ministro da Disciplina, Reitor, Monsenhor e Bispo de São Carlos, prestou continência em São Paulo. Tal incidente em sua existência não apenas fez protelar sua ordenação - que só veio a ocorrer em 07 de Dezembro de 1947 - como também adestrou sua capacidade de administração e liderança, pois estava escrito no livro de sua vida que haveria de conduzir esta ínclita e invencível **Tropa do Ibaté** por cerca de duas décadas.

Foto cedida pelo colega Francisco Fierro (1949-53).

Informamos que a Fotantiqua da edição anterior contou apenas com a identificação feita pelo colega Vicente Campanha, o segundo em pé. Além disso, retificamos a data da fotografia, de 1958 para 1959.

Vamos para Itatiba?

Este alegre casal, Oksana Dziura e Rovirso Aparecido Boldo (64/69), convida todos os amigos da Turma do Ibaté a participarem de mais um magnífico encontro em sua belíssima chácara no município de Itatiba, localizado a 91Km da capital paulista. Se você nunca apareceu, não perca esta oportunidade de sol, calor e tranquilidade. Será em 25 de março próximo, um sábado, a partir das 09:00 horas. É certo que seremos muito bem recebidos e que viveremos um dia inesquecível, com muita alegria e descontração junto aos amigos e muito distantes das preocupações, poluição, filas e engarrafamentos. Haverá um churrasco: cada um levará a munção de alimentos e bebidas que for consumir. O fute-

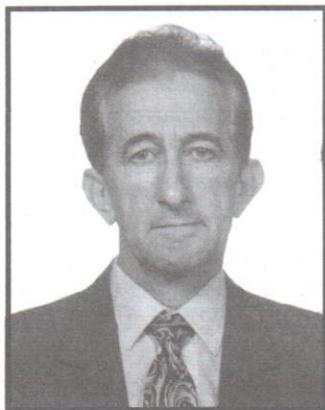


bol, em campo gramado, será o grande espetáculo. Leve seu uniforme de atleta; não se esqueça dos maiôs, biquínis e sungas, pois a piscina também é uma grande atração. A casa de campo fica no Condomínio Itaambu [tel. (11)7806.7322]. Na altura de Jundiá, indo pela Rod. Bandeirantes ou Anhangüera, procure sinalização para Itatiba. Você deverá atravessar esta cidade, indo em direção a Bragança Paulista. Após passar sob a ponte, que é a Rod. D. Pedro I, entre à esquerda tão logo aviste um Posto Agip. Maiores informações e confirmações, ligar para: Acácio (Zezo) (11) 3104.3141 Coml. - Fausto (11) 4141.3874 Coml. - Mosca (11) 3864.8852 Res. à noite) - Rovirso (11) 3906.0283 res. - Manga (11) 4712.6698 res.

“Os sinos através dos campos”



Asdrúbal Ângelo Baruffaldi (49/53)



Eis as reflexões que "Os sinos através dos campos", de Ketelbey, fizeram aflorar-me em tarde melancólica: cada badalada entronizava a imagem e a lembrança de alguém que singrava os recantos campestres do saudoso Ibaté, onde o orvalho perdura como lágrimas eternas de quem não queria partir para não deixar solitários os que ficaram. "Missi sunt.

Adsumus". Eles se foram. Nós estamos presentes.

Alegramo-nos com a repetição dos nossos encontros, quando reprisamos momentos de entretenimentos escolares, artísticos, literários, esportivos, religiosos e familiares.

Ah! Aqueles tempos em que a equipe artística e cênica comandada pelo Corazza e integrada pelo Walmir Gomes da Silva, Tarcisio Francisco da Silva, Alfredo Barbieri, Almir Pessoa César, (Cônego) Laerte e outros nos brindavam com saudáveis esquetes, comédias e dramas em dias festivos...

E quando uma nova equipe teve de substituí-los, após sua ida para o Seminário Central?

O Padre e depois Dom Constantino desejava reproduzir, no palco, um barco semelhante ao desenho ornado em uma de suas estolas. O primeiro projeto não o satisfizera. Um novo exigiria do Furlanetto e do Fierro a obtenção de longas taquaras de bambu e a montagem do esqueleto a ser recoberto com os papéis-fantasia existentes nos armários do Grêmio Literário "Pio XII". O que hoje é D. Fernando Penteado emprestaria três dos seus finíssimos lençóis para a armação das velas. Uma vasta cortina de cetim azul, estendida sobre bolas de jornal, representaria as ondas do mar.

E quando a imagem de Nossa Senhora surgiu iluminada no nicho da vela central, o fundo musical abrilhantou o descortinar colorido do palco, deixando surpreso o Pe. Constantino e arrebatando o entusiasmo do David de Moraes.

Esta seria a primeira da nova série de eventos dos batinandos de 1953.

Novas revelações enriqueceriam nosso elenco, como o Walter Barelli, hoje deputado federal, que sobrepujava qualquer esforço para obter êxito na oratória. O mesmo acontecia com o que hoje seria o ilustre bispo de Marília, D. Oswaldo Giuntini, tamanho o esmero em suas declamações nas sessões do Grêmio.

Impagável cômico era o saudoso (Monsenhor) Antônio Carlos Barra. Era inimitável como "Corcunda de Notre Dame"; mais ainda insuperável nas proclamações mensais de notas.

Inúmeros outros se destacavam como atores: Nél-

son Sampaio, Darci Casagrande, José de Melo Junqueira, Antônio Machado, Atílio Brunacci, Waldemar Correa, etc.

Em campo, o Zeferino de Souza Coelho era mais veloz do que raio, atrás de bola. José Luiz Gomide Ribeiro no ataque, (Padre) Edmundo da Matta e Josué da Silva Leite no gol, notabilizando-se o Mário Polesi por uma cobrança na cancha defensiva, na vez em que atingiu o gol adversário e lavrou um tento inolvidável!

O Eguchi não procedia apenas como engenheiro, pela simetria com que agia no palco, mas era exímio enfermeiro e artista (pintor), ensinando-me alguns rudimentos de enfermagem, pelo que pude desempenhar, durante muito tempo, o suposto papel de "médico", tantos os socorros prestados aos que acorriam à farmácia para "ENFORCAR" o recreio, recebendo pílulas homeopáticas que curavam qualquer doença. Por isso o José Branco Zuglian, certa vez, me perguntara se o mesmo comprimido que eu dera para sua anterior dor de cabeça era válido para a dor que estava sentindo no (dedão do) pé? Qual teria sido a resposta? Hoje eu estaria sendo processado pelo exercício ilegal daquela medicina e provavelmente incurso numa CPI. Só não seria reconhecido pelo atendimento dado a 38 seminaristas, num só dia, atingidos pela gripe de agosto, em 1952. Mas... todos se salvaram, inclusive os acidentados em jogos cotidianos, pelas caneladas, câimbras ocasionais, cabeças vazadas pela chuteira adversária, etc.

Havia muitos subterfúgios e escapes.

Certa noite, vigiando o estudo, deparei com Cléber lendo um "gibi". Ao ser flagrado, ergueu os olhos e qual não foi a surpresa quando notei que os aros dos seus óculos estavam sem lentes. Não me restou senão rir e relevar o acontecido.

Os domingos de visita eram ansiosamente aguardados. Matavam saudades e forneciam esperança de uma semana mais grata para os comensais acoplados às mesas dos mais aquinhoados, os quais faziam correr quitutes e doces diferentes, levados pelos familiares, assim como mel e leite condensado oferecidos pelo (Dom) Fernando Penteado, hoje bispo ilustre de Jacarezinho, no Paraná.

Minha saudosa Mãe não dispunha de recursos para oferecer bolos requintados, mas os que trazia eram gostosos.

Mais preciosos eram os pedaços de abacaxi que o inolvidável Sérgio Fioravanti me reservava, procedentes da fazenda do seu pai, em Itu. Ainda retenho na mente o sabor e o aroma daquelas frutas deliciosas. Num de nossos encontros lembramos aqueles festins, e com saudades.

No Encontro de 2002, não pude chegar em tempo no Largo dos Mendes, indo direto para o Seminário,

onde me deparei com Dom Décio, o primeiro participante a avistar, o qual, dado o estado de saúde, estava impedido de integrar a caravana. Ele tentava justificar-se, dedicando-me uma inexplicável atenção, ainda que não tivéssemos sido contemporâneos. Havia tempo que eu reconheceria o seu carisma e isso me tornara o seu grande admirador, até descobrir que "JOÃO DA IMACULADA" não fora um simples pseudônimo, mas ALGUÉM que não morreu tendo apenas a "jurití" e o "sol" por companheiros, mas, e sobretudo, o "Senhor das almas puras" e a própria "Imaculada", tamanha a pureza e os encantos que sua alma detonou no soneto intitulado "NA MINHA MORTE", publicado no ECHUS nº 75.

Nesse mesmo encontro, o último com quem falei foi o José Pedro Costa, colega e companheiro de várias jornadas, inclusive essa última, quando ao deixá-lo em sua casa revelou-me que sentia uma mal-estar desconhecido, o mesmo que o levaria ao túmulo, meses antes de Dom Décio. Quem não se recordaria de sua ojeriza pela matemática, o que sugeriu o estouro da "bomba", no esquete referente à sua classificação, nas notas mensais?

O saudoso companheiro Luiz Barcelos do Prado (Luizão), também tinha preocupação em descobrir vocábulos específicos para os seus trabalhos literários, chegando a dissertar sobre "um céu ob.nu.bi.la.do", o que lhe valeu difícil pronúncia.

Muitos se foram. Mas, que alegria termos presente essa equipe jovial que se desloca dos mais distantes rincões, trazendo afeto, alegria, esperança e consolo para o desfecho de nossas tristezas. Nela incluo todos os que prestam carinho com suas cartas, mensagens, telefonemas, emails, artigos literários, referências pessoais, projeções sociais, religiosas, artísticas, etc.

Não saberia relatar fatos extemporâneos. Contudo, não poderia olvidar nomes dos que, sucedendo-nos no tempo, hoje integram as diversas comissões de encontros, de festividades locais, regionais e mesmo na redação dos ECHUS. Aplaudo nomes como o do caríssimo José Lui, Paulo Toschi, Oliveira Leite Gonçalves, Letterio Santoro, cujos artigos alegam pela tipicidade; os de Carlos Cosso, Wilson Mosca, Antônio Simões, Gilberto Lucarts, Licheri, Márcio Paçoca, Martucci, Monteiro, Santiago e o prezado Justo, como incansáveis prestadores de serviços. E Antônio Carlos Correa (Careca), a quem parabeno pelo brilhante trabalho junto à Internet, projetando-nos através do site do Seminário de São Roque e Pirapora.

Há, ainda, uma soma infinita de nomes, imagens e fatos que suscitariam reminiscências áureas dos tempos idos do Ibaté. Cumpre aguardá-los.

Perdoem-me os que se sentirem desabonados por uma indesejável referência. Não terá sido esta a minha intenção e, sim, perpetuá-los através da boa causa que nos une: a FRATERNIDADE.

PRÓSPERO 2006!!!

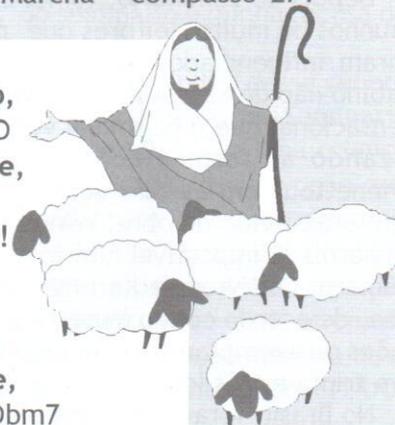


O grande amigo e tecladista Cláudio José Fondello (59/65), hoje trabalhando o dia inteiro como engenheiro, lidando com régua, compasso e maçaricos, morre de saudades dos tempos em que jogava futebol e voley sete dias por semana, e era nosso organista da capela, prefeito do São José, pistonista-chefe da banda e corneteiro da fanfara, - realmente eram tempos bons! - enviou-nos esta eterna canção que estava guardada em seu baú:

O BOM PASTOR

Marcha - compasso 2/1

D
Contou noventa e oito,
 A7 A7 D
Contou noventa e nove,
 D
Faltava uma ovelhinha!
 D
O Bom Pastor afoito
 A7
Procura-a e se comove,
 D A7 D Dbm7
Depressa se encaminha.
 C#7 F#m
E por atalhos vai
 C#7
Depois de muito andar
 F#m
Achou-a finalmente.
 E A
E com amor de Pai
 D
Tratou de a sobraçar
 G
A todos diz então:
 E
"A minha ovelha achei
 A A7
Comigo jubilai".
 D
É bom o coração
 G A7 E
Do Bom Pastor da grei
 Em A7 D
Jesus, amigo e Pai.



Leituras (2)

Eduardo Lima (59/63)



Em todos os meus anos de Seminário tentei ser um bravo guerreiro. Forte e destemido como meus dois irmãos de sangue Carlos (Karl) e Winnetou. Em pleno e rigoroso inverno, nas noites geladas e estreladas de São Roque, eu dormia com as janelas abertas, para um contato maior com a natureza, desprezando o frio e reafirmando o meu direito de pertencer

àquela escolhida irmandade de heróis da qual me sentia inteiramente participante. Em tudo queria me portar como um bravo. Nos jogos e brincadeiras no recreio, jamais reclamava de acidentais quedas ou machucados, por mais doídos que fossem e, confesso, considerava fracos muitos dos meus colegas que choravam ou "faziam cenas" pelo que eu considerava "um nada".

Depois do Seminário, tomei conhecimento de testemunhos de muitos leitores que, na adolescência, assim foram influenciados pela obra de Karl May. Fernando Sabino não deixa por menos: "Winnetou foi o livro mais sensacional que li na minha vida" e continua, pormenorizando as formas como imitava Mão de Ferro e Winnettou com as suas ações juvenis. Para Fritz Lang, um leitor ávido da obra, Winnetou foi o maior de todos os heróis. É impossível citá-los um a um, dado o grande número. Os livros de Karl May venderam, só na Alemanha, de acordo com o Museu Karl May, mais de cem milhões de exemplares. No mundo todo, foram traduzidos em trinta e três idiomas.

No Brasil, foram editados pela antiga editora Globo, de Porto Alegre. A edição original completa era de trinta volumes, da qual tínhamos dez no Seminário. Três volumes iniciais correspondiam ao Winnetou, no velho oeste norte americano, seis, às aventuras no oriente: "Pelo Curdistão Bravio"; "De Meca a Medina"; "O chefe do Bando", etc, e um volume final, de contos: "Laranjas e Tâmaras". Nas aventuras pelo oeste, o narrador era Carlos (Karl), denominado "Mão de Ferro" ("Old Shatterhand"). Nas histórias do oriente, chamava-se Kara Ben Nemsí. Com a narração em primeira pessoa, a identificação do herói com o autor era feita imediatamente pelo empolgado leitor e nisto estava uma grande parte do encanto: eram histórias verídicas que aconteceram realmente com aquele escritor. Foi uma decepção saber, mais tarde, que o autor jamais saíra da sua Alemanha natal.

Winnetou era um índio apache, filho do chefe e, depois da morte deste, chefe da tribo. O cenário, o velho oeste americano, a construção de uma ferrovia de Saint Louis até o Pacífico, com a conseqüente usurpação da terra dos índios. Os personagens: brancos bons; brancos maus; índios bons; índios inimigos. Assim como em suas obras sobre o oriente, Karl May era um defensor intransigente das raças consideradas inferiores pelo homem branco. Índios, árabes, turcos e outros eram retratados como homens iguais e com os mesmos direitos dos brancos. O romance "Winnetou" é uma obra de denúncia da

cobiça criminosos dos brancos que "civilizaram" o velho oeste dizimando os índios.

Hoje ainda releio com prazer os contos de Conan Doyle com o seu famoso detetive. Karl May, no entanto, é um autor para adolescentes. Eu diria que é um autor adolescente. A sua trama é ingênua e franca. Os seus heróis, sem nuances, são fortes, dignos, corajosos e honrados. Em "Winnetou", no começo do primeiro volume, o narrador (Karl) chega da Alemanha e é recebido pelos experientes moradores do oeste bravo como um novato inseguro, inábil e desengonçado - exatamente como se sente um adolescente ao iniciar este período de passagem para a idade adulta. Em poucas páginas se afirma. Revela-se um perito em armas; mata só com uma faca um urso cinzento que apavora aqueles mesmos que se diziam duros homens do oeste; mata um búfalo selvagem; doma um cavalo que ninguém conseguia montar; mata um índio inimigo, entre outros pequenos feitos. Recebe, por esses atos heróicos, o nome de Mão de Ferro e é aceito pelos demais como igual - um verdadeiro e bravo homem do oeste. O herói é tudo que um adolescente quer ser - daí a identificação perfeita e imediata.

Assim, os personagens de Karl May encantaram os anos que passei no Seminário. Nas noites de lua - e o luar de São Roque era assombroso - antes de dormir, eu devaneava e via-me no meu veloz corcel a cavalgar pelos desertos, dunas e oásis. Pelas pradarias e montanhas, em busca do ideal do homem que queria ser. Foram anos mágicos de uma idade mágica que se perdeu irrecuperavelmente. Tentei reler o "Winnetou" muitos anos depois, já adulto, mas não consegui. O encanto se rompera. Aquela leitura só foi possível em um passado mítico onde o sonho era real, as estrelas estavam mais brilhantes e mais próximas e a aventura era a própria vida de cada dia que toda manhã batia à porta urgindo para ser vivida.

Caso edificante SANTA INGENUIDADE

José Lui (1949/56)



A mocinha do interior prepara-se para ir ao baile de forró que estava acontecendo em sua cidade. Veste seu vestido todo estampado, perfuma-se e à noitinha sai com suas colegas rumo à balada. Lá chegando, encontrou o salão repleto de moças e rapazes dançando ao ritmo da música nordestina. Ficou ansiosa esperando que um daqueles moços bonitos viesse tirá-la para dançar. Sem demora aproximou-se um todo-desengonçado pedindo para dançar com ela. Para não fazer desfeita, ela aceitou, mas ele suava tanto que a certo momento a moça parou de dançar encarou-o e disse:

- Você sua, hein!

O rapaz apertou-a contra o seu peito com toda força e sem demora respondeu:

- E eu vô sê seu.



Mensagens recebidas



ARLETE DOS SANTOS - irmã de nosso colega Alfredo Custódio dos Santos (62/64 S.Paulo-SP) - Caro Sr. Antônio Simões, meu nome é Arlete dos Santos e venho através desta informá-lo do falecimento de meu irmão no dia 13 de outubro de 2005. Só agora, após ter chegado essa correspondência, é que fiquei sabendo que ele recebia o Informativo *ECHUS DO IBATÉ*. Agradeço a atenção.

JOÃO FRANCISCO DE BRITO RAMALHO (60/62 Salvador-BA) - Desejo um feliz ano de 2006 para toda equipe do Echus: Antônio C. Correa, José Lui, Simões, José Justo e os demais.guardo ansioso que o *site* do seminário de São Roque entre de novo "no ar". Um grande abraço para todos. Eu fui da turma que estava no seminário quando **DARCY CORAZZA** retornava ordenado de Roma, chegou num carro preto, acompanhado do Cardeal Carlos Carmelo Vasconcelos Motta. Saudações Ibateanas. jacobrilho@bol.com.br

JOSÉ ANTÔNIO NETO (59/64 Charlotte - Nort Caroline - USA) - *Cari amici Ibateani*, com a passagem do Ano Velho que está terminando e um Ano Novo, que está iniciando, desejo a todos vocês que 2006 seja um ano cheio de bênçãos divinas com muita paz, saúde, alegria, felicidades e prosperidade. Aproveito a ocasião para agradecer a toda a comunidade Ibateana pela calorosa e carinhosa recepção que todos vocês sempre têm me dado cada vez que vou aí ao Brasil. Ao caríssimo Wilson Cruz e sua família, por sempre estar em contato comigo por *emails*, as músicas dirigidas pelo ilustre Isaias, o bate-papo lembrando os tempos de nossa formação, a companhia de todos vocês com suas famílias, o apoio da diretoria do *ECHUS*, Wilson Mosca, Paulo Toschi, Simões e outros que sempre me enviam o Informativo, ao Pe.Cido, Antônio Correa, Antônio Ramalho (da minha turma), Tomaz Toledo, Gilberto Lucarts, Antônio Almeida, Antônio Paulo C.Carvalho e todos os outros que não mencionei, mas que sempre me fazem feliz quando os revejo, para lembrar aqueles tempos tão distantes. A todos A VERY HAPPY AND JOYFUL NEW YEAR FULL OF HAPINESS AND PEACE!!! jneto50@hotmail.com

JOSÉ WOLF (50/58 S.Paulo-SP) - À equipe do *ECHUS* os votos de Feliz Natal e um 06 astral, sem se esquecer que o tempo é fugaz, mas precisamos nos manter persistentes como o vento.

LOURENÇO MEDEIROS FERNANDES - Perereca (1949 S.Paulo-SP) - Caros amigos do Ibaté, quero fazer uma revelação para vocês: ultimamente, por esses dias, tenho sido invadido por uma sensação tão intensa de alegria e bem-estar que não consigo compreender perfeitamente. Acho que deve ser aquilo que chamam de "estado de graça". Sim, deve ser isso mesmo, uma profunda e comovente alegria! É que no mistério desta vida efêmera, existem milagres, muitos milagres. E o que aconteceu comigo foi realmente um deles. Não sei bem porquê, mas devo de certa forma ter merecido que ele me tivesse ocorrido, contudo, tenho absoluta certeza de que as muitas orações e pedidos a Nosso Pai e a Nossa Senhora da Saúde foram a garantia de meu total restabelecimento, de minha completa cura. Pessoal, eu voltei! Estou inteiro e retorno a nosso delicioso convívio com vida nova, completamente renascido e quero muito agradecer todas as orações de vocês, seus apelos, sua torcida; quero agradecer por seu carinho, por sua atenção e pelo grande acolhimento que tive de todos vocês, meus amigos. Um grande abraço a todos.

LUIS DA CUNHA FERREIRA DE MIRANDA - Portuga (58/59 Colombo-PR) - Caros amigos, já há algum tempo, desde o último grande Encontro no Ibaté, que ando para escrever. Agora, como está próxima a quadra Natalina, momento mais que oportuno para recordarmos aqueles que nos são mais caros, resolvi, então, fazê-lo agora. Como não expressei antes minha pobre, mas sincera opinião sobre o VII Encontro, onde participei pela vez primeira, quero dizer agora, com algum atraso, mais ainda a tempo, que fiquei felicíssimo e muito emocionado por poder rever tantos colegas, uns ilustres desconhecidos para mim e alguns outros velhos conhecidos de meus tempos de Seminário, da turma de 58 e até de antes, no Seminário de Aparecida. "Como é bom vivermos entre irmãos!" Agradeço a Deus e a todos os que, tão bem, prepararam esse belo e agradável encontro, entre tantos outros, que tenho a certeza, foram igualmente deslumbrantes e inesquecíveis, pois sei que são sempre preparados com muita dedicação e amor. Aproveito este momento para desejar de todo o coração, os sinceros e ardorosos votos de um Feliz e Santo Natal a toda equipe do *ECHUS* bem como a todos os colegas e suas famílias, além de um ano 2006 recheado de saúde, muita paz e toda a espécie de bens, para toda a grande família ibateana. Do colega sempre atento e agradecido.

MANOEL SÍLVIO PUIG (1961 S.Paulo-SP) - Simões, ainda não reví os amigos, mas graças a você tenho recebido os jornais. Talvez não me lembre de ninguém, pois minha passagem por São Roque foi curta. Porém, é bom ser lembrado e saber que tenho amigos. Boas Festas! Feliz 2006! Muita saúde, harmonia e prosperidade para você e a todos os que lhe são caros.

NASSER KEHDY NETTO. Pe. (1957 Pontal-SP) - Carlos D.Cosso e turma do *ECHUS*. Um abraço a todos. Tenho recebido o *ECHUS* e sempre "viajo" pelo mesmo, procurando refrescar a memória e reconhecer nomes conhecidos. Há muito de vida em cada edição. Parabéns a vocês que estão à frente e lideram o reencontro de tantos amigos dos tempos do Ibaté. Estou enviando minha contribuição para as despesas. Recebam meu abraço fraterno com os votos de um Natal muito feliz.

TOMÁS GOMIDE, Pe. (57/60 New York, NY-USA) - Finalmente entrei no "nosso" *site*, mas infelizmente ele está sendo atualizado. Quero somente dizer da minha satisfação em receber o *ECHUS*. Neste ano não me foi possível estar presente no Encontro. Não me lembro quem recentemente escreveu um artigo dizendo estar à disposição dos antigos alunos para receber reclamações sobre a forma como foram tratados no passado, durante os anos de Seminário(*). Pois é, creio que todos nós tenhamos coisas boas e ruins em nossa formação. Nunca me esqueci da forma como éramos "educados" em S.Roque com relação a sexo. Quando eu estudei em Pirapora, confessávamos o pecado de "haver tocado nas partes sagradas do corpo". Ao chegar em S.Roque, padre Pascoal Amato não me entendia e tive que lhe explicar. Foi quando o citado pecado tomou um outro nome: pecado solitário! Que tristeza! Isso soa tão triste! Aqui nos Estados Unidos, em confissão, eu ouvia as pessoas confessarem: "I abused myself". Eu não compreendia, afinal, "abused" significa "tratar mal, bater" etc. *Contradictio in terminis!* Tanto se fala sobre a nossa educação sexual no Seminário... Afinal, nos anos 50 e 60 não havia ainda a "liberação sexual" de hoje. Não posso entender a revolta de certos ex-alunos com relação ao passado. Sim, houve muita coisa errada,

mas as coisas boas superam de longe as coisas erradas. Tivemos uma educação acadêmica maravilhosa e o sentido de comunidade, de fraternidade era tão grande! Realmente, apesar das limitações, nossa vida era uma beleza. Nunca me esquecerei do dia em que anunciaram a exibição de um filme para comemorar a visita do Cardeal Motta. Num grupinho no recreio, comentávamos sobre o filme. Então, o DARCY PUPO, meu companheiro de turma, disse: “*não sei se vou ver o filme; tenho antes que ir até o Santíssimo perguntar ao esposo da minha alma.*” Ficamos impressionados com tanta santidade. Vimos o filme e o Cardeal ficou muito bravo, pois havia uma cena de um beijo. Nunca me esqueci do filme que, até hoje, é um dos meus favoritos: “Sublime Tentação”. Que filme! Que música! Nosso querido Mons. Constantino, quando reitor de S.Roque, proibia-nos de ir ao cinema durante as férias. Em uma de minhas férias, fui três vezes ao cinema (isso durante 2 meses). De volta ao seminário, confessei ao reitor o meu “pecado” e ele quase me expulsou do seminário. Sabem quais os filmes que eu vi? “*Sissi, imperatriz*” e “*Sissi e seu destino*”. Imaginem vocês! Que tempos tão lindos quando durante o retiro do carnaval, caminhávamos em silêncio. Certa vez, fui ao lado do seminário para meditar e, lá dentro na sala de Química, estava o CELSO GUIDUGLI olhando uma revista com propaganda de roupas íntimas de mulheres! Claro que tive que contar ao confessor. Aliás, não me lembro qual dos companheiros nos dizia que, ao cometer um pecado mortal solitário, aproveitava para fazê-lo muitas vezes durante o dia, já que tinha mesmo que confessar. Tanto em S.Roque como em Pirapora, todos praticávamos “rodízio” ou “via-sacra”: cada semana se confessava com um padre diferente para não se levar bronca. Como tenho saudades desse tempo! Sofremos, mas nos divertimos muito. Fazer ginástica de madrugada durante o frio e depois tomar aquele maldito banho... Quantos não molhavam a cabeça durante a noite para ficar doentes no dia seguinte e não ter que levantar de manhã ou tomar banho frio?!? Graças ao MÁRIO ANGELINI, nosso querido “açougueiro”, e também ao GILBERTO LUCARTS, a gente conseguia driblar o Constantinão! Infelizmente, havia alunos que levavam as coisas demasiadamente a sério, mas a maioria, não. Tínhamos a rigidez do Mons. Constantino, mas ao mesmo tempo, o coração do Padre Rui. Creio que tenha sido ele a pessoa que mais me influenciou em minha vida. Até hoje não perco as óperas, os concertos, os *ballets*... Nos últimos dez anos, viajei o mundo inteiro, incluindo lugares como China, Nova Zelândia, Austrália... tudo de graça, já que levo grupos da paróquia. Padre Rui, com suas aulas de História e Geografia, encheu nossa imaginação de tantas coisas bonitas! Obrigava-nos a aprender música clássica e sempre vinha ele com o chocolate e a estampa. Que grande Homem! Sim, meus amigos, houve muita coisa ruim, mas jamais poderíamos ter recebido tanta riqueza como a que recebemos no Ibaté. Agora somos adultos e temos que “reciclar” nosso passado. Não vale a pena ficar reclamando ou sentir rancor pelo errado. Mostrem-me *uma* pessoa que tenha tido uma educação perfeita com os seus pais. Sofremos muito no Ibaté; vivíamos massacrados com o sentido do pecado... mas como é gostoso a gente se lembrar do passado! Hoje em dia, a juventude não desfruta mais do “pecado”, porque nem sabe o que é isso. Como era gostoso fazer coisas proibidas!!! Como era gostoso termos “o nosso mundo” escondido dos superiores!!! Sinto saudades do Ibaté. Muitas saudades. Se tivesse que voltar atrás, gostaria de viver tudo de novo, exatamente como foi. “*No regrets*”. Aqui nos Estados Unidos a amizade entre os ex-alunos das escolas é muito forte e isso quase não se vê no Brasil. Felizmente, para os ex-alunos do Ibaté, a camaradagem, a amizade é uma realidade. Parabéns a todos aqueles que lutaram e lutam para manter vivo esse espírito. Parabéns ao pessoal do *Echus*. Feliz Natal a todos. - t.gomide@worldnet.att.net

ECHUS INFORMA: O colega referido é o colega Pe. Sidney José Barone (1959) em sua correspondência no *Echus* 081.

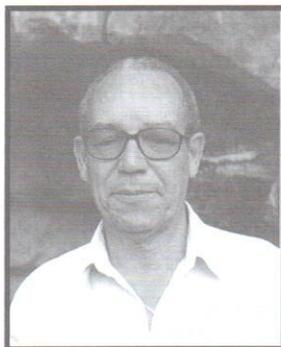
VICENTE DE PAULO ANTÔNIO CAMPANHA (1959 - Socorro-SP) - Fiquei duplamente emocionado ao receber o *Echus do Ibaté* nº 82, por dois principais motivos: Primeiro, quando li o artigo do meu grande amigo **EDUARDO DOS SANTOS LIMA** e mais ainda, com a sua foto estampada. Há muito que estou querendo localizá-lo para saber como ele está passando. Pelo jeito, está ótimo. Eduardo e demais amigos, moro na Estância de Socorro, na rua dos Resedás, 217, fone (19) 3895.1609. Segundo, ao ver a **PHOTO ANTIQUA**. Eu sou o segundo em pé da esquerda para a direita. Os demais, eu não os conheço, porque estudei no Ibaté apenas em 1959, portando essa foto é de 59 e não de 58. No ano seguinte, os seminaristas que pertenciam à Diocese de Santo André foram transferidos para o Seminário de Sorocaba. Queria aproveitar para dar os parabéns a essa equipe que elabora o jornal. Desde que vocês me localizaram, tenho recebido o esperado jornal. Anexo comprovante de colaboração ao mesmo. Vocês são realmente valorosos, pois, recordar é mesmo viver. Estou com 60 anos e quando leio os artigos volto aos meus 14 anos. Que Deus os abençoe. Que essa equipe e demais leitores tenham um feliz 2006!!!

WILSON CÂNDIDO CRUZ (59/64 S.Paulo-SP) - Que alegria! Obrigado, Senhor! Deixamos registrada aqui a atenciosa acolhida pelo nosso grande Amigo, o **MONS. SÉRGIO CONRADO**, que celebrou nossa Santa Missa de Natal, em sua Paróquia de N. Sra. do Carmo, na Aclimação, S.Paulo-SP, em 16 de dezembro último. Muito obrigado mais uma vez, Mons. Conrado e, também, por sua magnífica recepção. Nessa oportunidade, lembramos também dos Amigos ausentes, principalmente do **LOURENÇO MEDEIROS, O PERERECA**, a quem pedimos que o Senhor ouvisse nossas preces, por sua saúde e pronta recuperação. Agora, em nosso jantar da 1a. sexta-feira, em 06 de janeiro último, pudemos ter a felicidade de sua honrosa presença, totalmente recuperado, o que muito nos alegrou. Obrigado, Senhor! Contamos, ainda, nesse encontro de sexta-feira, com a ilustríssima presença de **D. JOSÉ MARIA PINHEIRO**, Bispo Diocesano de Bragança, que outra vez abrilhantou e enriqueceu o nosso convívio. Também esteve entre nós, e pela primeira vez, o grande Amigo de tantos momentos agradáveis em S.Roque, principalmente como grande ator no palco ou como orador na tribuna, o **JOSÉ PAULO BRUNA (59/63)**, residente em Umuarama-PR, o qual recebeu nossas homenagens com o “*Cantiamo al nostro amico*” e o “*Va, pensiero*”, regidos pelo Isaías. Como pudemos perceber, houve vários pontos altos nesse nosso encontro e desejamos que, a exemplo do limiar deste Novo Ano, possamos estar muitas outras vezes reunidos para confirmar e reforçar cada vez mais esta nossa amizade. Um grande e fraterno abraço a todos. wilsonccruz@uol.com.br

WILSON DE CARVALHO (1951 Cruzeiro-SP) - Cumprimento a todos os colegas de seminário e desejo um ótimo 2006 repleto de felicidades e muita PAZ. Cumprimento especialmente o **ANTÔNIO SIMÕES** pela dedicação aos ex-alunos, com seu empenho em nos reunir e nos manter informados. Gostaria muito de ter participado do último encontro, mas não o pude devido um problema de saúde que há um ano me impossibilita “ainda” de poder viajar e confraternizar com os colegas. Peça que orem e rezem por mim, para que o mais rápido possa participar e rever os antigos amigos nos encontros.

Como Letterino virou sujeito gramatical

José Moreira de Souza - (1955/59)()*



Para mim, ao longo dos cinco anos que passei em São Roque, havia dois poetas que me chamaram a atenção. Poetas que se impunham e que convocavam a examinar a fragilidade de qualquer ousadia pessoal de cometer alguns versinhos.

Havia, sem dúvida, uma oportunidade em que todos éramos convocados a explorar nosso

estro. Na sexta série, após estudar a Arte da Composição e do Estilo, além de esmerados textos complementares do competente padre Paschoal Amato, cada um torturava a própria imaginação poética.

Certamente, alguns se deram bem, como foi o caso de Nílio Antonino Vieira, nosso fotógrafo oficial, portador de uma Kapsa pinta vermelha e, posteriormente, de uma Olympus Pen. Como fotógrafo, Nílio descobriu a força sintética dos hai-kais.

Mas eu dizia, conheci dois poetas: Antônio Jurandy Amadi - o Kiro - e o Waldemar Waldir de Faria. Kiro era impossível; parodiou Os Lusíadas, verteu para o italiano Navio Negreiro de Castro Alves e alçou o vôo dos albatrozes. Waldemar se impunha a todos nós, como leitor atento das Espumas Flutuantes, dos poetas românticos e parnasianos. Não espanta que Kiro e Waldemar, em suas respectivas turmas, tenham sido finalistas do concurso de Cátedra do Grêmio Literário Pio XII.

Havia, como nos revela nosso amigo - hoje - Letterio Santoro, uma sociedade quase secreta de poetas; seu álbum nos traz Tiago Alexandrino Etelvino, Décio Pereira, além dele mesmo, entre outros. Havia também poetas que publicavam no Ecos da Tribuna - Giustino Bottari, Nazaré dos Reis, mas eu não os respeitava enquanto tais - devo rever essa incompetência. Para minha surpresa, vi-os, meninos recém chegados, inocentemente criando versos sem qualquer atenção para as regras de versificação; tinham a poesia no sangue. Refiro-me a Roberto Mecelis e Valdevino Soares de Oliveira - este último é hoje Doutor em Literatura.

Letterino ficou conhecido entre nós como cronista. Juntamente com alguns colegas, tinha por hábito anotar em seu diário todos os acontecimentos e comentá-los. A memória periférica de Letterino é uma contribuição importante para o estudo do gênero consagrado de "vida cotidiana" ou de "história social".

Todos nós éramos incentivados a declamar, a redigir nossos textos em prosa - o concurso de cátedra não premiava poesias -, e à oratória. O gênero memórias, embora não fosse proibido, não obedecia a regras.

Quanto a mim, nada de registrar o que fosse de cunho pessoal. Isso recendia a confissão. Confessar me intimidava. Aprendi, no catecismo, que o pecado é algo que a gente faz e sente vergonha: isto deve ser contado ao padre e que esconder pecado era uma falta mortal

muito maior. Certa vez, fui ao confessionário, relatei inúmeros pecados dos quais não sentia vergonha alguma e, ao chegar no que de fato me fazia amarelar, omiti. Saí irrequieto. Tinha de voltar ao confessionário. Havia cometido realmente um duplo pecado - confessar e obter um perdão burlado. Retornei à fila. As beatas enfileiradas, de véu branco ou preto, censuravam: Saí daí, menino! Você não acabou de confessar?

De amarelo, passei a enrubescer. Mas venci. Cheguei junto ao padre, ajoelhei-me novamente, e declarei: "seu padre, eu escondi um pecado: eu bebi café no bico do bule".

O padre não pode rir, caso contrário toda a instituição da Confissão como sacramento do Perdão se perderia naquele momento, mas me consolou: "mas isso não é pecado".

Diário seria para mim como reservatório para registrar essas intimidades confusas. Disso resulta minha admiração pelos "diaristas" do seminário e minha recusa de me incluir neste rol.

Pois bem, Letterino foi o melhor cultor desse gênero dos de minha turma. Quando ingressou no Seminário Menor Metropolitano, no ano de 1955, era uma criança piedosa, grande devoto da Virgem Maria - devoção que aprendeu sem restrições do nosso diretor espiritual, padre João Maria César de Resende. Padre João insistia para nossas almas infantis a necessidade da consagração integral a Nossa Senhora. Tuus totus ego sum, et omnia mea tua sunt. E repetia: esta consagração integral quer dizer que você entrega irrestritamente tudo, TUDO. Despoja-se de seu querer.

Letterino topou e se consagrou solenemente. Esse italiano de Fusaldo era também um paulista mineiro. Tinha dois primos, o Benício Mantuano de Paiva - o Amigo da Onça, apelido dado pelo irreverente cônego Moisés e que pegou que nem sarna - e o Cornélio Mantuano de Paiva, nascidos em Caratinga - Minas Gerais.

Nós mineiros fazíamos muitas chacotas do Letterino e o tínhamos como integrante de nossa roda. Em fevereiro de 1955, eis-nos embarcando na estação da Sorocabana rumo a São Roque. Iríamos cursar a segunda série ginásial. O padre Waldemar Marques Conceição, - que é dele? - soprador de bombardino na Furiosa, era nosso professor de Português. Enveredava-nos nos meandros da sintaxe clássica e tinha alguns sujeitos preferidos para exemplificar as formas de concordância. Os nomes desses sujeitos eram Tibúrcio, Pafúncio ou Pancrácio.

Certo dia, alguém da roda achou que o Letterino (Maria) Santoro tinha a cara do Tibúrcio do padre Waldemar. Daí para a frente, Letterino virou Tibúrcio. É um apelido que circula na roda dos amigos e uma forma calorosa de acolhida.

Hoje, quando descubro o Letterino-poeta, percebo que essa transposição se deu num instante mágico de

homenagem poética e atribuo a Waldemar Faria o feito - pode também ter sido o Geraldo Mendes Xavier, que importa? Um nome só tem sentido quando todos se apropriam dele e o têm como seu. Letterino passou a ocupar o "lugar do sujeito" da gramática e não do inconsciente. Ouviram, psicanalistas?

Na sexta série, Letterino brindou-nos, na jornada de criação obrigatória de poemas do padre Paschoal, com

uma "Saudação a Fuscaldo". O apelido foi apropriado, como sujeito gramatical, seu autor podia circular pela gramática à vontade. A Gramática se lhe consagrava sem restrições: tua tota.

(*) *Sociólogo e professor da UFMG, Pesquisador da Escola de Governo da Fundação João Pinheiro e Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação do Centro Universitário Newton Paiva de Belo Horizonte.*

Scarface e Sophia

José Édson Soares da Cruz (1972/73) ()*



Uma gravidez pode parar uma guerra. O nascimento de uma criança é um dos acontecimentos que parece ainda não estar maculado pela frieza e cinismo humanos. Desde aqueles que aparentam ser empedrados até os que sugerem alguma sensibilidade, todos se comovem de alguma forma com uma mulher grávida, ou um recém-nascido.

Lembro-me do que me contou um grande amigo e artista plástico, cuja mãe é judia e havia passado por um campo de concentração nazista. Ela estava no paredão com outra dezena de homens e mulheres. Certamente seriam fuzilados naquela tarde; os alemães do campo treinavam a pontaria. E, para eles, nada melhor do que treinar com pessoas, judeus de preferência. Latas e garrafas não serviam. De repente o oficial em comando encerra a brincadeira e eles começam a se saudar efusivamente. O que aconteceu?, ela se pergunta. Havia nascido o filho do comandante. Naquele dia não haveria fuzilamento. A mãe de meu amigo não morreu naquele dia e ele pode também vir a nascer e, mais tarde, contar-me essa história dramática.

Mas o fato é que o trabalho de parto havia começado com suas contrações em espaços de tempo cada vez menores. E corremos para o Hospital Universitário como já havíamos planejado. Um hospital pode ser algo grave e nebuloso. Em minha memória afetiva ele é sempre pesado e triste, quando não dramático. Mas esta noite eu estou leve, embora controladamente ansioso. Ultrapassamos os corredores labirínticos com suas luzes opacas, um caminho sem foco para fora do útero.

Não pude entrar com minha esposa na internação, pois o hospital está em reforma e bla bla blá. Fiquei na sala de espera com cadeiras distribuídas em frente a uma televisão ligada, com o som nas últimas. Era tarde. O programa do Jô estava acabando e logo começou um filmão do Brian de Palma: Scarface. Aquele que o Al Pacino arrasa e é arrasado em todos os sentidos. Nada mais inadequado para quem precisa se sintonizar com bons fluídos, com um parto tranquilo e um nascimento luminoso. O filme é a derrocada de um ser humano, da América, de Cuba, de todos nós... mas é um filmaço. Vocês lembram a cena das crianças entrando no carro do alvo? E o que isso gerou na seqüência dos acontecimentos? Foi um dos poucos instantes, senão o único, que o personagem mostrou sua humanidade, embora para ele já tenha sido tarde.

As cicatrizes expostas na face dos seres e eu ali pensando na Sophia que iria nascer. O que ela poderá esperar desse mundo nada sábio? Talvez alguns lampejos de bom senso. Talvez um pouco de arte. Uma coisa é certa, até nos lugares mais utilitários, como é o caso de um hospital, você poderá perceber relances de arte e quicá de poesia.

Foram onze horas de trabalho de parto. Mais de doze esperando que o parto acontecesse normalmente. A sala ficou vazia várias vezes na madrugada. Casais chegavam e saíam. Nesse meio tempo cinco crianças nasceram, várias mães ficaram em observação, vários pais voltaram pra casa mais uma vez, pois o alarme havia sido falso.

O caso da Maria das Graças era preocupante. Ela sentia dores. O bebê ultrapassara, sem nascer, em dez dias a data prevista. E parece que ainda não seria hoje. Ela ficou internada.

O caminhoneiro que estava sem dormir há dois dias, tomando bolinhas, e que adorava o Che Guevara era falastrão. Puxava conversa toda hora. Tava ligadíssimo. Seu filho iria se chamar Pablo Guevara. Se precisasse, além do Cavalo Branco que tinha no carro, ele havia trazido uma autobiografia do Che para ler. Não precisou. Seu filho nasceu logo e ele saiu sorridente e perguntando se eu queria ficar com o sanduíche de mortadela que trouxera.

Vou encurtar o papo, pois depois de todas essas horas sem dormir e sem esticar o corpo já começo a me sentir como se estivesse em outra dimensão. Na dimensão dos sonhos realizados, dos desejos concretizados, das vitórias compactuadas.

Não vou falar nada dos jovens médicos residentes e seus olhares inseguros. No final das contas, acho que o inseguro lá era eu, mas, como reza a lenda, deu tudo certo no final. Sophia Miki nasceu às 11h02 da manhã de parto normal, com 3 kilos e 900 gramas.

Se o meu mundo for desplugado agora, você, LEITOR CÚMPLICE, saberá que saí quite com a vida, não houve nela mingua nem sobra, mas o meu saldo é muito positivo. Poderá escrever em meu epitáfio, que ao contrário daquele velhaco do Cosme Velho, eu tive uma filha e orgulho-me de ter transmitido a essa criatura o legado da nossa existência.

(*) *Édson Cruz é músico e poeta. Participa de um site de Literatura e Arte. Confira: www.cronopios.com.br*

Tempestades (*)

Altamiro Amadis

Foto cedida pelo colega Lettério Santoro



Silêncio.

Trovoadas, de quando em quando, quebram a quietude.

As trevas, já há muito, recolheram em seus braços a claridade de mais um dia.

Perambulando por um longo parque onde vegetam enormes e tristonhas árvores, um rapaz, trapo humano roído pelas traças das paixões, desesperado procura um alívio aos remorsos da

consciência.

Relâmpagos e trovões censuram-lhe os desvarios. A voz da natureza parece demonstrar o estado daquela alma abismada no mal.

Que é, porém, a tempestade comparada com a borrasca do remorso no espírito humano?

A consciência do jovem se debate e se confrange; algo o quer sufocar. Pára... Retrocede... Não pode continuar; sente necessidade de um desabafo. Quem o ouvirá se não tem amigos na desventura? Quanto lhe dói o isolamento! Quando o dinheiro lhe enchia as mãos perdulárias, todos andavam à sua volta; agora... ninguém.

Que amigos possuía! Souberam fazê-lo rastejar na lama das paixões reduzindo-o a farrapo humano. Na desgraça, ninguém. Amizade... do dinheiro!

A chuva cai torrencial e raios cortam os ares.

Meu Deus! Se ele pudesse ainda sentir-vos o calor e falar-vos com todo o entusiasmo do coração... Mas, sua alma acha-se ressequida pelo pecado. Não possui a vossa graça vivificante... Se ao menos lhe brotasse do coração a fé salutar daquele que crê em vós e se lhe despertasse n'alma a confiança de conseguir perdão... Nada, porém, lhe aquece o espírito enregelado pelos vícios.

Num momento, parece ter encontrado a solução para toda aquela desgraça. Perde contudo a coragem de executar os planos. Não tem força para tanto!

Com supremo esforço de vontade, retira do bolso uma garrucha. Suas mãos tremem. Com o semblante transformado pelo remorso, espreita em derredor a ver se não é observado no seu ato covarde.

Trava-se no interior ferrenha luta: o derradeiro esforço

da natureza por conservar a vida com a vontade de um ilusório descanso. Trovões e relâmpagos reclamam insistentes aquele atentado a um poder que cabe somente a Deus!

O rapaz faz-se surdo às vozes da natureza. Ergue a arma com ambas as mãos ao peito; reúne todas as forças restantes e num desespero de pseudo-alívio, detona a arma em meio ao mais violento temporal... Cambaleia, ferido de morte... E tomba para nunca mais se levantar.

Cessa logo a tempestade, mas o céu continua encoberto.

Fria garoa é o resto da tormenta.

Silêncio.

() Este texto, originalmente datilografado pelo colega ibateano Franco Masiero (55-59), é a transcrição do trabalho apresentado ao concurso de cátedra do Grêmio Literário Pio XII em 1959 pelo recém-falecido colega Nílio Antonino Vieira (55-59), mais conhecido como Cafarnaum, sob o pseudônimo de Altamiro Amadis. Com estas palavras: "Tendo em vista a nossa amizade e a pedido seu, ofereço-lhe este pequeno trabalho literário", o autor enriquece a biblioteca e o coração de nosso colega ibateano de Belo Horizonte, José Moreira de Souza (55-59) que comovida e gentilmente coloca à disposição de nosso público leitor.*

N.E. O Nílio era de uma família de músicos; ele mesmo desde pequenino tocava o violino. Todavia, já no Ibaté, vendeu seu instrumento para comprar uma bela máquina fotográfica, a famosa Kapsa - pinta vermelha. Paixão. Aliás, nem precisaria comprá-la, pois naquela época, "Comprando um terno de tergal legal na Ducal", ganhava-se uma de brinde. Virou repórter fotográfico; como poucos de nós, criou um grande álbum. Agora ele está na Casa do Pai. Infinitas saudades de suas filhas, de sua esposa, Da. Maria Aparecida, e de tantos e tantos amigos do Ibaté. Sim, ele partiu sem dizer adeus, porém, aqui homologamos suas últimas palavras extraídas do Ecos da Tribuna de dezembro de 1959:

"Adeus, Grêmio... Adeus!

Ter-te-ei sempre como um amigo sincero e leal.

Guardar-te-ei sempre no coração como um mestre sábio e devotado.

Tudo que consegui na arte das letras e do bem falar, devo a ti, Grêmio Pio XII. Parto. Meu ideal o exige.

Levo Saudades, deixo gratidão.

In Sinu Matris.

Nílio A. Vieira. "



Jantar 1ª Sexta-Feira

Voltamos a convidar todos os nossos colegas a participarem de nosso tradicional jantar da 1ª sexta-feira do mês, atualmente realizado no *Restaurante Angélica Grill*, Avenida Angélica, 430 São Paulo-SP a partir das 19:30. Para quem vai de metrô, fica a 300 metros da Estação Marechal Deodoro. Em 03 de fevereiro último, tivemos o prazer da presença, pela primeira vez, do

Professor *Holien Gonçalves Bezerra* (54-55) vindo diretamente de Louveira-SP para fazer brilhar mais nosso encontro que também contou com o prestígio de tantos outros queridos ibateanos. Muitos colegas, infelizmente, não puderam comparecer em razão de compromissos assumidos anteriormente, mas sabemos que tantos outros ainda não conseguiram quebrar as barreiras: sejam bem vindos e apareçam, pois a vida é curta e vocês não sabem a alegria e contentamento que irão sentir.

Professor *Holien Gonçalves Bezerra* (54-55) vindo diretamente de Louveira-SP para fazer brilhar mais nosso encontro que também contou com o prestígio de tantos outros queridos ibateanos. Muitos colegas, infelizmente, não puderam comparecer em razão de compromissos assumidos anteriormente, mas sabemos que tantos outros ainda não conseguiram quebrar as barreiras: sejam bem vindos e apareçam, pois a vida é curta e vocês não sabem a alegria e contentamento que irão sentir.

AGRADECIMENTOS

Recebemos inúmeras mensagens natalinas com votos de Boas Festas à Equipe do *Echus* e toda a Tuma do Ibaté dos seguintes colegas, a quem agradecemos e retribuimos: Alfredo Barbieri (*Veterus finit annus - novum advenit tempus - vita prossequitur - amor semper maneat - Amen.*), Santo Antônio Godinho, Antônio José de Almeida, Antônio Orzari, Atílio Brunacci, Carlos César Henriques, Carlos Domingues Cosso, Celso Pinto da Silva, Horácio José de Souza, Jadilney Pinto de Figueiredo, João Francisco de Brito Ramalho, Joaquim Benedicto de Oliveira, o imortal Joel Hirealdo Barbieri, José Francimar Ramos, José Francisco Gonzales Aguilera (nosso maior beatlemaníaco), José Maria Garcia Germano, José Novaes, José Paulo Bruna, José Roberto Carneiro, José Wolf, Ladanir Moraes de Melo, Manoel Marcos da Silva, Mário Gambassi Luiz Angelini, Pasquale Gerardo, Roberto Delgado de Carvalho, Rogério Guimarães Fortes, Rovirso Aparecido Boldo, Sebastião Destéfani Reghin, Vladimir Merlo Garcia, Washington Luiz Viana e Wilson Cândido Cruz..

A Turma do Ibaté também agradece as contribuições que recebemos dos seguintes colegas, no período de 18/11/2005 a 06/02/2006: Antônio José de Almeida, Hermínio Bernasconi (ex-aluno do Sem. Ipiranga, que mora em Manaus), Asdrúbal Baruffaldi, Araldo José Razera Papa, José Écio Pereira da Costa Júnior, Pe.Nasser Kehdy Netto, José Aloysio Agnello, Vicente de Paulo Antônio Campanha, Wilson Mosca, Francisco Fierro, Alberto Pimenta Júnior, José Fernandes da Silva (as bananas da salada de frutas de nossos encontros são sempre oferecidas por ele, apareça ele ou não em nossos Encontros; ele é de Juquiá), Antônio Orzari e Rocco Antônio Evangelista.

NA CASA DO PAI

Informamos o falecimento de nossos colegas e amigos:

- **ALBERTO MIRANDA (51/53)** aos 67 anos, em 31.01.2006.
 - **ALFREDO CUSTÓDIO DOS SANTOS (62/64)** aos 55 anos, em 13.10.2005;
 - **CARLOS ALBERTO PAVÃO - Pavãozinho (1967)** aos 51 anos, em 31.01.2006 - irmão de nosso amigo ibateano Antônio Sérgio Pavão (1966/69);
 - **FRANCISCA JULIETA GRININGER MOSCA** em 02.12.2006 - mãe de nossos amigos ibatenos Nelcindo José Mosca (54/58) e Wilson Mosca (55-57)
 - **NÍLIO ANTONINO VIEIRA - Cafarnaum - (55/59)** aos 65 anos, em 13.10.2005.
 - **TEREZINHA ÇARMO DE ALMEIDA** em 07.12.2005, irmã de nosso amigo ibateano Antônio José de Almeida (63-69)
- Aos familiares e amigos, nossas condolências.

CONTRIBUIÇÕES

O informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio de duas contas bancárias: 1) **BRADESCO** - Ag. 95-7 (Nova Central) - c/c no. 226990-2 e 2) **BANCO DO BRASIL** - Ag. 3055-4 (Boulevard S.João) c/c 12.158-4. Tão logo seja realizado algum depósito, avise-nos, por favor, por um *email* ou por uma correspondência para que possamos identificá-lo.

Fluxo financeiro

Posição até 06/02/2006



POSIÇÃO EM 18.11.2005.....R\$ 7.759,24

ENTRADAS

Contribuições e doações.....R\$ 848,51
Juros.....R\$150,35

TOTAL ENTRADAS.....R\$ 998,86

SAÍDAS

Postagem Informativo nº 82.....R\$ 879,55
Impressão Informativo nº 82.....R\$ 600,00
Renovação Caixa Postal.....R\$ 48,00
Coroa de Flores.....R\$ 70,00
Kalunga nf 380040-envelopes.....R\$ 51,46
Despesas Bancárias.....R\$ 26,73

TOTAL SAÍDAS.....R\$ 1.675,74

SALDO ATUAL 06.02.2006.....R\$ 7.082,36

TESOUREIROS: Carlos D.Cosso
Wilson Mosca - Gilberto Lucarts

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação bimestral dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté - São Roque - SP - Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Antônio Carlos Correa, Paulo Toschi, José Justo da Silva, Antônio Simões e Márcio Pereira da Silva.

Artigos e colaborações: Enviar para **ECHUS DO IBATÉ**, Cx. Postal 71509 - 05020-970 - S.Paulo-SP (Obs. Se possível, enviar material em disquete ou por e-mail, com textos em *word* e fotos ou no original, que logo serão devolvidas pelo correio, ou digitalizadas em formato jpg.)

Responsabilidade: Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, não expressando necessariamente a opinião da equipe responsável.

Internet: echus@zipmail.com.br ou ibate@seminariodesaoroque.com

Site: <http://www.seminariodesaoroque.com>

Tiragem: 1.000 exemplares

Diagramação: Marcelo Silva Calixto (11)6162-3640

Impressão: Gráfica e Editora J.Chevalier (11)3228-9988